

A VOZ DO POVO

ORGAN DE IDÉAS REPUBLICANAS

REDACÇÃO DE DIVERSOS

PROPRIEDADE DE UMA ASSOCIAÇÃO

ANNO I.

SANTA CATHARINA—DESTERRO—DOMINGO 26 DE JULHO DE 1885

NUMERO 9

Expediente

Por enquanto publica-se este jornal aos domingos.

ASSIGNATURAS

CAPITAL

Semestre. 3\$000

PELO CORREIO

Semestre. 4\$000

Numero avulso 40 réis.

Pagamento adiantado.

Os autographos que nos forem enviados não serão devolvidos, embora deixem de ser publicados.

Qualquer publicação, não sendo contraria ás idéas deste jornal, será feita por preço muito favoravel.

E' impresso este jornal na typographia de J. J. Lopes, á rua da Trindade n. 2, onde se darão quaesquer informações.

A VOZ DO POVO

Desterro, 26 de Julho de 1885.

Acorda, povo brasileiro, da lethargia em que jazes!

Fortifica-te contra a anemia que te prostra e ameaça aniquilar-te!

FOLHETIM

ALFREDO DE SARMENTO

A SÉSTA

(CONTOS)

AS MÃS LINGUAS

II

— Miseravel! murmurou Alberto amarrando a carta nas mãos.

— Mas de quem é essa carta, o que diz ella, meu pae? exclamou Maria, acariciando o velho artista.

— Não precisas saber o que ella diz, Maria, respondeu Raymundo, e trata quanto antes de te desfazer dos teus enfeites de noivado.

— Dos meus enfeites de noivado! repetiu soluçando a pobre rapariga.

— E fica entendendo que o Jeronymo morreu para todos desta casa; nunca mais quero ouvir pronunciar semelhante nome!

— O' meu Deus! mas o que fez elle?

— E' um infame, um indigno, que pagou com a mais negra ingratidão os beneficios que lhe fiz, matando-lhe a fome e pondo-o em estado de ganhar a vida com honra e independencia.

Levanta-te impavido do abatimento a que te reduziram!

E depois que estiveres vigorosamente reconstituído, olha piedosa e compassivamente para o estado agonizante a que chegou a tua mãe-patria!

Não ouves um clamor que inspira compaixão? E' ella que geme e chama por ti para que a penses e a soccorras!...

Não sentes distinctamente um murmúrio que compunge e afflige? E' ella que sente aproximarem-se os ultimos paroxismos de sua vida!...

Salva-a, pois; ainda é tempo.

Uma nação tem o seu elemento de vida como um ser qualquer... humano por exemplo....

Se o organismo deste é forte, bem constituido, são e zelosamente cuidado, a vida do ser é longa, viril e exuberante de grandeza; se é fraco, anemisa o corpo e reduz-o a esterilidade até ao maior grau de abatimento!

Contra estas verdades da sciencia não ha argumento plausivel.

Assim, uma nação governada e dirigida por homens zeladores do seu progresso, almejadores do seu engrandecimento, serios, honestos e independentes, sem paixões partidarias, ha de forçosamente prosperar, virilizar-se, fortalecer-se, exuberar-se e torna-se invejavel pela sua riqueza explorada e cultivada e pela civilização e independencia de seus povos!...

Mas, se, ao contrario, os que a governam e dirigem esterilizar e abandonarem os principios da grande philosophia que lhes deve

— Elle, o Jeronymo! Oh! isso não pôde ser! bradou Maria.

— Não o defendas, filha, aquillo não é homem, é um malvado, um assassino, um...

— Meu pae, o meu querido pae, não diga essas cousas do meu pobre Jeronymo! Elle, um malvado, é impossivel! é impossivel!

— Olha, Maria, ha infamias de tal ordem que só as pôde praticar um homem sem honra, sem brio, e até sem religião. Esta, de que somos ambos victimas, sei eu bem que me ha de matar, porque não tenho forças para resistir ao golpe que me feriu; mas Deus ha de permittir que eu encontre o assassino da minha vida e da tua honra para o castigar pelas minhas proprias mãos e causar-lhe tantas dores quantos foram os tormentos com que dilacerou o coração de teu velho pae. Maria, o homem que tinhas escolhido para teu amparo quando eu fechasse para sempre os olhos á luz do dia; o homem a quem confiaste os affectos da tua alma; o homem que devia ser o pae dos teus filhos, acaba de prostituir-te, comparando-te a essas desgraçadas que vendem o corpo e a alma ao dinheiro do primeiro homem que encontram! E agora, responde, Maria, queres ser ainda a mulher de Jeronymo?

A pobre rapariga soltou um grito dilacerante e caiu no chão sem sentidos.

Alberto, que até alli se conservára pensativo, correu para Maria, e ajudado de Ray-

servir de norma, de diretriz, para conduzi-la á prosperidade, então a queda é infallivel e a sua liquidação esfacelladora é inevitavel.

No primeiro caso, que é aquelle em que não está o Brazil, tudo é grandioso, santo e nobre; no segundo, justamente em que nos achamos, tudo é decadente, lamentavel e contristador!

Ora, nós, os republicanos, que somos os mais independentes e mais sinceros de todos os politicos; que reconhecemos a virilidade e exuberancia do paiz, e que reconsideramos sobre a degradante direcção que o governo applica aos seus publicos negocios, não podemos deixar de fazer estas exposições para tentarmos convencer o povo de que se o paiz chegou a este estado de degradação, elle é o principal responsavel, pelo facto já muito conhecido e circumstanciado de ter eleito homens, cujo fim, como já demonstramos, sem contestação, é garantirem posições elevadas que aspiraram e conseguiram, sem se importarem com os mais comensinhos interesses da patria.

Embora todos os politicos, a quem fazemos sombra e a quem estas duras e incógnitas testaveis verdades não agradam, nos taxem de pretenciosos, de ignorantes, de falsarios, de revolucionarios e de quanto qualificativo injurioso e desmoralizador possam inventar, a consciencia impõe-nos o sagrado dever de indicar ao povo o erro em que tem caído, de que tem sido victima, e o unico meio que resta para salvar o paiz do estado enfermo a que o reduziram: — escrupulo na escolha dos homens que o administrem!...

mundo, transportou-a para sobre o canapé.

Prestados os primeiros soccorros á desditosa creatura, o moço brasileiro chamou de parte o velho operario, e apertando-lhe a mão, disse com voz magoada:

— Sr. Raymundo, quando pela vez primeira vim a sua casa, para cumprir as ordens de minha boa mãe, encontrei a sua familia tão feliz que exulte por ver que os nossos mais caros desejos estavam, em parte, realizados. Hoje, porém, tornou-se em luto a alegria desta casa, e sou eu, involuntariamente, a causa desse acontecimento fatal. Prêso-me de ser um homem de bem; sei os deveres que a honra me impõe, para desagravo meu, e da sua familia tão vilmente calumniada, e juro-lhe, sr. Raymundo, que em breve tempo terá plena satisfação deste insulto tão indigno e miseravel.

— Sr. Alberto, respondeu o velho operario com os olhos arrasados de lagrimas, esse procedimento é digno d'um homem de caracter, mas eu não o posso aceitar. O offendido fui eu, tenho por consequencia obrigação de desaffrontar-me.

— Pois bem, sr. Raymundo, trabalharemos de accordo para destruir tão infame calunnia.

E o moço brasileiro, dirigindo-se para a desgraçada menina, que, debulhada em pranto, se entregava a dôr pungente que lhe dilacerava o coração, acrescentou:

A monarchia

Quaes são os homens dos partidos políticos que mais desprestigiam e atacam a pessoa do monarcha?

Incontestavelmente são os dos dois partidos constitucionaes!

Porque?

Porque nas horas das contrariedades politicas, os opposicionistas á situação que governa, seja ella qual for, e por um despeito qualquer, vociferam contra a pessoa do monarcha, irrompendo contra elle nos maiores e mais acres improperios accusatorios, com a intuição de desprestigiá-lo.

E para não soffrermos contestação delles, a qual não podem offerêr, damos como prova da veracidade das nossas asserções as palavras do inelyto e meritoso Sr. Quintino Bocayuva, — a primeira e mais fecunda penna do mundo litterario — exaradas no artigo de fundo d'O Paiz de 7 do corrente:

« A pessoa do augusto chefe do Estado tem sido, nestes ultimos dias, discutida por varios modos: no parlamento e na imprensa.

« Nós dizemos nestes ultimos dias e poderíamos dizer desde muitos annos.

« Nós mesmos nunca escrupulisámos em fazer directas referencias á pessoa augusta, sempre que encontramos para isso oportunidade e conveniencia social.

« Parece-nos até impossivel, nos tempos actuaes, aqui ou na Europa, impedir que os soberanos dos Estados sejam pessoalmente expostos á discussão e á critica que as controversias politicas tornam muitas vezes inevitavel.

« Na Inglaterra, o paiz classico da monarchia constitucional, são frequentes as referencias directas á pessoa da graciosa soberana da Grã Bretanha e ás dos membros da sua familia; e na propria Alemanha, aonde o principe de Bismark pôde tudo, ainda não conseguiu impedir totalmente referencias, ás vezes pouco amaveis, ao Nestor coroado que, quando brande o seu sceptro de aço, abala todo o continente europeu.

« A questão, para nós, não está nas referencias; está na forma por que ellas são feitas e no modo porque se comprehende a personalidade convencional que representa a instituição.

« E' inutil dizer, pela nossa parte, que nunca applaudimos nem applaudiremos irreverencias ou doestos que, atravessando a tenue capa do symbolo, possam ir offender a pessoa.

« Quando outras razões não existissem, bastaria esta: o soberano, mesmo pelo seu privilegio, está impedido de defender-se.

« E' curioso, entretanto, apreciar o modo pelo qual aquelles que se dizem os mantenedores da instituição monarchica têm comprehendido o direito de criticar os actos do poder pessoal, desse *personagem* fatidico, que nos disseram ha pouco ter fallecido; mas que nós supponmos haver-se apenas transformado.

« No Brazil, a verdade é esta, os politicos da escola monarchica nem sempre quizeram considerar o Imperador como elle a si proprio se considera.

« Fazendo uma distincção muito especifica, entre a instituição e o seu representante, elles se têm permittido as maiores ousadias e até mesmo as maiores injustiças, contra a pessoa do monarcha, ao mesmo tempo que apregoam os seus sentimentos de fidelidade e respeito á instituição monarchica, que elles julgam, erradamente, poder ser no Brazil separada da pessoa do actual Imperante.

« Ambos os partidos que se dizem constitucionaes nos têm fornecido o exemplo dessa aberração singular, que seria explicavel em um paiz onde houvesse o embate de dynas-

tias diversas ou de pretendentes antagonicos; mas que no Brazil é absurda e injustificavel e só pôde exprimir ou allucinação ou resentimento pessoal.

« Liberaes e conservadores não escapam a esta censura.

« Uns e outros dizem-se e o são de facto — monarchistas; mas o são, com o devido respeito, da peor especie; não porque politicamente causem damno á instituição; mas porque, no ponto de vista social, causam damno á educação e aos costumes.

« Allegam prezar a monarchia, mas desprestigiando o monarcha, nas horas do seu enfado politico; dizem acatar a instituição considerando-a util ao paiz, mas procuram ás vezes rebaixar o representante della, sublevando o sentimento publico, não contra o principio, o que seria comprehensivel, mas contra o individuo, que é o representante desse principio e o depositario da instituição apparatusa que foi posta acima de tudo e de todos — como a expressão da impecabilidade e da infallibilidade.

« Desta especie de monarchismo condicional acham-se traços nos annaes do parlamento e na imprensa dos dous partidos constitucionaes.

« Para esses fetchistas, o monarcha tem de subordinar-se ás mesmas provações a que sujeitavam outr'ora em Napoles o padroeiro S. Genaro; — se demora o milagre, tardando em chamal-os ao poder ou em conferir-lhes a graça cubicada, apedrejam-no e insultam-no para estimulá-lo.

« Poderíamos amontoar exemplos para corroborar o que dizemos e copiosas citações poderíamos adduzir, buscando-as nos dous campos politicos — o liberal e o conservador: mas citaremos um só.

« Ha alguns annos, um deputado liberal, fogoso e intransigente, apregoando a sua adhesão á forma de governo que *felizmente* nos rege, dizia emphaticamente:

« Sou monarchista, mas envergonho-me de o ser. »

« A phrase foi muito commentada, mas nunca foi explicada. Pela occasião em que foi proferida e pelo motivo que a inspirou, comprehende-se logo que o intuito do deputado era fazer uma censura ao Imperante pela politica e pelo partido que estavam então dominando.

« Mas é evidente que a censura era toda pessoal.

« O que envergonhava ao opposicionista de Sua Magestade não era a monarchia, mas o monarcha, que, na sua opinião mal a exercia e representava.

« Esse mesmo deputado, posteriormente eleito presidente da camara dos deputados, abriu um precedente (que felizmente ficou unico) de ir logo após a S. Christovão comunicar a Sua Magestade que havia sido eleito presidente da camara!..

« E ainda depois disso, escolhido senador e nomeado presidente do Conselho de ministros pelo monarcha, objecto da sua vergonha, tanto se vangloriou das attensões e familiaridades que lhe foram dispensadas pelo augusto chefe do Estado, que devemos suppor que, no trato intimo de Sua Magestade, achou motivos mais procedentes para honrar-se, que não para envergonhar-se, com os seus favores.

« Ora hoje que já existe no paiz um partido republicano, é bom que se saiba que, na generalidade, se esse partido faz questão do principio e aspira pela mudança da forma actual do governo, comtudo, no que se refere á pessoa do chefe do Estado, os republicanos brasileiros não têm motivo para envergonhar-se da sua pessoa e nem tão pouco deixam de respeitar nelle as qualidades privadas que o recomendam á estima geral da nação como cavalheiro e como funcionario.

« Para os republicanos (e eis aqui ainda um ponto no qual divergem dos monarchistas condicionaes), a monarchia no Brazil não

tem outro ponto de apoio fora da propria pessoa do Imperante.

« Elle é a monarchia e a monarchia é elle.

« Seja qual possa ser a influencia que ainda exerçam em alguns espiritos as velharias de Benjamin Constant (um publicista fossil que só pôde ter hoje valor paleontologico), a instituição monarchica, tal como ella existe no nosso paiz — é uma singularidade, uma excepção politica, na historia da organização dos Estados.

« Ella subsiste e funciona, graças a elementos e circumstancias que são exclusivamente peculiares ao nosso modo de ser politico e social; graças ao influxo de idéas e de sentimentos que são propriamente brasileiros.

« Ella não se apoia em uma nobreza tradicional, o que é uma força nos paizes onde esse elemento existe; ella não tem raizes historicas, porque a sua origem foi uma surpresa de caracter duplice, e falta-lhe, portanto, o apoio da tradição, que é tambem uma força; ella não dispõe de grandes exercitos nem se impõe por grandes riquezas; ella não pôde ter, portanto, o prestigio que resulta da autoridade que se firma em uma poderosa força coerciva, nem aquelle que resulta do deslumbramento causado pelo fausto e pela opulencia na imaginação dos povos.

« Esses elementos são os que em toda a parte fortificam a instituição e prestigiam os homens que a representam; e taes elementos são justamente os que não existem no nosso paiz.

« Seja qual for o ponto de vista em que se colloquem os homens politicos, é forçoso reconhecer o facto: — que no Brazil a monarchia é uma instituição pessoal; que ella subsiste e sobreleva-se no animo geral da nação, unicamente pela influencia das qualidades pessoas do soberano.

« Sem raizes historicas e tradicionaes, como já o dissemos, tendo tido por origem a surpresa a que alludimos; deposta e restaurada em 1831 por effeito de uma reacção sentimental, pela generosidade de uns e pela fraqueza de outros, pela rivalidade reciproca entre as influencias predominantes nesse periodo da nossa historia — o monarcha brasileiro tem permanecido estavel durante o largo estadio de mais de meio seculo, apoiada exclusivamente na pessoa do soberano — cuja corôa, segundo a propria pragmatica official, lhe foi devolvida pela generosidade do povo brasileiro.

« Ora, em tal ordem de idéas, é claro que não podemos comprehender nem applaudir as invectivas pessoas de que por vezes é victima o augusto chefe do Estado, por parte daquelles mesmos que dizem ser os mantenedores da instituição, os sustentadores do throno.

« Mas, sendo assim, poderão objectar-nos: se a instituição é a pessoa, desde que esta fique desprestigiada, aquella cahirá com elle e não é habil censurar aos que concorrem para isso.

« A objecção seria especiosa.

« Desde que os dous partidos governamentais proclamam e sustentam o principio, temol-os como adversarios naturaes; e a nação bem pouco ganharia com outra qualquer surpresa que resultasse da collaboração inconsciente daquelles que, em sua maioria, não tendo educação politica e talvez nenhuma outra, concorrem apenas pelo seu comportamento censuravel para darem uma triste idéa da educação e do caracter dos brasileiros.

« Estas alternativas de altivez desabrida e de submissão servil devem, a seu turno, ter concorrido para a deformação do caracter politico do chefe do Estado, e á idiosyncrasia resultante dessa deformação devemos talvez attribuir grande somma dos males que têm prejudicado a nossa patria, tornando cada vez mais difficil a obra futura da sua regeneração.

« Disraeli (lord Beaconsfield), em uma das suas *Home Letters*, escreveu o seguinte:

« Para governar os homens, é preciso sobrepuzar as suas obras ou desprezal-os. »

« Este aphorismo humorístico pôde talvez ser útil a um chefe de partido, que toma pessoalmente parte nas lutas políticas, dando e recebendo golpes, mas sempre exposto a todos os instantes à sanção da sua responsabilidade pela opinião publica.

« Mas duvidamos muito que tal character possa ser proficuo, tratando-se de um monarcha constitucional, que só pôde governar com a collaboração de homens que são ou que devem ser delegados da nação e representantes da soberania compartilhada por elle.

« Se outras razões não houvessem, bastaria esta para justificar a existencia do partido, que já conta tres distinctos representantes no seio da Delegação Nacional. »

INTERESSES GERAES

Os nossos deputados

O taboleiro e a estrada para Lages.

« *Quem boa cama fizer nella se deitard,* diziam os antigos; e nós, que somos modernos, não deixamos de reconhecer que elles tinham razão.

Esse anexim, se não laboramos em erro, é inteiramente desconhecido pelos nossos representantes, na camara dos deputados e fora da dita; e se não é, então parece que elles não aspiram á sua fuctura reeleição. Naquelle caso, devem saber perfeitamente que não se apanhando moscas com vinagre, é preciso, para ellas cabirem, fazer-se a applicação do mel ou qualquer substancia doce... Queremos dizer que, ainda naquelle caso, para conseguirem n'uma outra eleição o voto do povo e a victoria da mesma, é preciso fazer alguma coisa por elle e pela provincia, em prol do desenvolvimento daquelle e do progresso desta.

No segundo caso, isto é, não pretendendo elles a sua reeleição, porque temam uma derrota ou porque lhes pareça que para representar uma provincia no parlamento é preciso dispôr de dotes oratorios, de muita energia, de calma e patriotismo, — elementos de que parece não disporem —, devem então confessar que estão somente na Representação Nacional para fazerem numero de apoia-dores de gabinetes e locupletarem-se com os 500 diários, a que fazem jus sem terem feito nada, absolutamente nada, pelo bem da provincia que os elegeu para entregar nas suas mãos e ás suas consciencias a causa do seu engrandecimento.

Temos urgente necessidade de alguns melhoramentos que nos devem forçosamente produzir uma fonte de riqueza ou, pelo menos, um extraordinario desenvolvimento á lavoura, ao commercio e a todas as industrias em geral. Entendemos que nos é desairoso pedir-os directamente ao governo, não só porque não tomamos parte na Representação Nacional, como tambem porque nada devemos pedir a quem com justos motivos tanto guerreamos.

Mas como representamos por meio da imprensa os interesses do povo e pugnamos pelo progresso da provincia, e, convictos de que não nos desdouramos por lembrar aos Srs. Mafra e Schutel o assumpto que deve preoccupar o seu espirito em garantia da causa que têm por dever defender, ousamos, em nome deste povo, recordar-lhes o estado lastimoso em que deixaram a provincia, que não vacillou em garantir-lhes elevadas posições!

Pensamos, pois, que, se elles não forem de todo surdos ao clamor do povo, nem totalmente indifferentes ao estado gravemente assustador em que se acha toda a provincia, tomarão na devida consideração os assum-

ptos de que nos vamos occupar e oxalá possamos conseguir o resultado que almejamos.

Pelos meios que mais de uma vez temos indicado, facilimos e economicos, e baseado nos estudos e opinião que conseguimos de profissionaes, demonstramos o quanto é urgente a desobstrução do taboleiro do nosso porto.

E' este o primeiro assumpto de que se devem occupar os Srs. deputados pela provincia.

O segundo, que não é menos importante pelas vantagens que offerece ao commercio e á lavoura, como já anteriormente descrevemos, é a construção de uma estrada de ferro, ou pelo menos de rodagem, que parta do Estreito do nosso porto para Lages. Sendo de rodagem é preciso que a sua construção seja amacadamisada para ser uma obra duradoura, quasi eterna, desde que seja reparada e fiscalizada a sua conservação.

Nos reparos da conservação não é preciso que o estado faça outro dispndio que não seja com um empregado fiscal, e vamos provar o que avançamos:

As terras que margeam a abandonada e intransitavel estrada actual, por cuja zona mais ou menos deve construir-se a de que tratamos, são do estado, na sua maior extensão.

Pois bem. Dividam-se em lotes de 500 a 600 metros de frente para a estrada e outros tantos mais ou menos de fundo; liberte o governo pelo fando de emancipação 200 a 300 escravos e dê a cada vinte ou trinta delles um lote dessas terras, que deverão ser consideradas de sua propriedade, e mais um pequeno auxilio para principiarem a sua vivenda, com a condição de se obrigarem a fazer os concertos ou reparos que a estrada carecer de momento nas suas respectivas testadas.

Por esta forma obtem-se tres grandes resultados beneficos: a conservação quasi gratuita da estrada, o cultivo de terras devolutas, de que se pôde fruir avultadas fortunas, e o amparo e auxilio dedicados a essa infeliz classe que tem direito de reclamar os meios necessarios para garantir a sua subsistencia.

E a parte da estrada que fôr margeada por terras de particulares, deverá o governo fazer que elles velem pela sua conservação na que enfrentar-se com as mesmas, sob pena de incorrerem n'uma multa relativa ao valor dos reparos ou do damno causado pelo seu deleixo.

Parece-nos que estas medidas são adoptaveis.

Ellasahi ficam registradas, ao alcance dos Srs. Schutel e Mafra, para as tomarem na devida consideração, já alterando-as, já modificando-as.

Ponham-n'as em pratica e assim farão jus ao louvor de todos os habitantes da provincia e aos futuros votos dos eleitorados que já uma vez os elegeram.

NOTICIARIO

E. F. PEDRO I

Em uma noticia que recebeu do seu correspondente da corte, tratando da rescisão do contracto que o governo pretende realizar com a companhia ingleza, diz o nosso collega do *Jornal do Commercio*: — « E não ter Santa Catharina uma voz poderosa nas *altas regiões* que, rompendo com todas as condescendencias, com quaesquer circumstancias, impedisse a consumação de tão esmagador attentado. » Agradou-nos tanto este periodo que com prazer e enthusiasmo o transcrevemos, acrescentando-lhe uns outros, de nossa lavra, que inserimos por conta propria; eil-os:

E não ter Santa Catharina homens, principalmente nos partidos politicos, que se re-

voltem contra esses actos injustos, escalarvosos, e attentatorios ao seu brio e direitos autonomicos!

E não ter Santa Catharina todo o seu povo completamente educado nessa politica tacanha, que o domina e aniquila, para comprehender que, estando debaixo da oppressão e dominio d'um systema de governo, cujos homens lhe cospem ás faces o indifferetismo sarcastico, deve d'ora avante affastarse della e lavrar, como nós, protestos energicos contra aquelles que forem os algozes do nosso progresso.

IMPOSTO DE 2%.

Foi indeferida pelo presidente da provincia a petição firmada por grande numero de negociantes desta praça, em que pediam sustação do pagamento do imposto de mercadorias importadas por cabotagem, baseando o seu pedido na inconstitucionalidade da lei que o creou.

Não existimos para fazer opposição injusta; e por isso entendemos que o acto desse administrador, que se baseou na lei e nos precedentes, não deve ser por nós censurado, a menos que não tenhamos que transigir com os ditames da nossa consciencia.

A' assembléa provincial é que cumpre reparar o seu erro, creando uma outra lei que inutilise aquella que creou esse imposto iniquo e absurdo, por quanto:

Se a Constituição do Imperio e o Acto Adicional, segundo as suas disposições, devem servir de norma e guia aos poderes legisladores para elaborarem leis, e se estes têm por dever sagrado adoptar e respeitar as prescrições do art. 179 § 30 da Constituição, arts. 10, 10 § 5.º, 11 e 12 do Acto Adicional e outras leis ulteriores em vigor, é claro e positivo que não podiam elaborar a lei n. 1087 de 8 de Abril de 1884, que creou esse imposto, e tambem é evidente que não devia ella ter sanção.

Portanto, entendemos que esses dignos negociantes da nossa capital, no intuito de fazerem respeitar os seus direitos autonomicos, devem representar ao poder legislador provincial, solicitando-lhe a isenção do pagamento desse imposto e a supressão da lei que o creou.

Se esta solicitação não fôr attendida e approvada, podem dirigir uma outra a Assembléa Geral Legislativa, que pôde e deve apprová-la, como já fez mais de uma vez em casos identicos.

Dêmos, porem, que dos poderes legisladores não conseguem o seu *desideratum*?

Qual é o recurso que lhes resta?

O do poder judiciario, que é o unico depois de vencidos nos legisladores.

E' o Acto Adicional mesmo que fornece essa faculdade.

E no caso de não obterem de uma dessas duas instituições nem do poder judiciario o resultado ou o fim que almejam, então só lhes resta um unico recurso... que não deixaria de produzir um benefico resultado; mas... não o lembramos nem o aconselhamos para evitar que nos taxem de... revolucionarios!...

Cumpra cada um o seu dever.

ASSEMBLEA PROVINCIAL

Por não terem comparecido ainda os deputados conservadores, não tem havido sessão na Assembléa Provincial!

E' uma falta muito censuravel que alguns membros do partido conservador têm commettido!

E não devemos continuar a afirmar que do actual systema politico é que temos, como consequencia, o atrazo e o acabrunhamento em que nos achamos?

São estes factos e os proprios sectarios dessa politica envenenada que justificam as nossas asserções.

Desmintam-nas, se têm consciencia de que erramos e de que somos egoistas.

A' vista, pois, do estado de desunião dos dois partidos politicos-militantes, é de pre-

sumir que não haja numero de deputados para poder presentemente funcionar a assembléa provincial.

Sentimos isso bastante, mormente porque, sem sermos deputados, pretendíamos apresentar alguns projectos e reformas de urgente necessidade, por serem de muita utilidade publica.

Ficarão para outra vez.

CAMARA MUNICIPAL

Reunidos os Srs. vereadores da Camara Municipal, em sessão no dia 18 do corrente, deferiram a petição em que Francisco d'Avila dos Santos solicitava autorização para arrampar de pedras a rampa de terra que actualmente não offerece inteira segurança ao predio contiguo, de sua propriedade, no Matto-Grosso.

Foi um acto de justicia que não podemos deixar de louvar.

THEATRO

Na terça-feira ultima subiu á scena no theatro Santa Izabel o espectáculo annuciado anteriormente pela *Associação Catharinense*, sobre cujo desempenho nada podemos dizer, porque a elle não podemos assistir devido a transtornos de saúde. Sabemos, entretanto, por termos lido a comedia *O Primeiro Amor*, que, sendo ella traduzida pelo talentoso catharinense Horacio Nunes, a linguagem e acção são motivos para que tenha agradado.

VIVA A LIBERDADE!

O Sr. Ricardo Quintino Pereira, de Tijuca Grande, libertou sete escravos que lhe pertenceram por herança.

Bravo! Acções destas merecem o louvor do povo que pugna pela liberdade dos povos, e só as praticam os que são dotados de nobres sentimentos como o Sr. R. Q. Pereira.

Oxalá que todos os possuidores dessa especie de propriedade, tolerada apenas por uma lei absurda, imitassem o procedimento desse distincto cidadão, amante da liberdade, e em breves dias não existiria um unico escravo no Imperio do Brazil.

HOSPEDE

Acha-se entre nós, e aqui pretende residir por algum tempo, o illustrado alumno da Academia de Direito de S. Paulo, Sr. Uladislau Herculano de Freitas Guimarães.

Comprimetamol-o.

Camara dos deputados

DISCURSO PROFERIDO NA SESSÃO DE 11 DE JUNHO DE 1885.

O SR. CAMPOS SALLES (*continuando*): — O corpo social é como o corpo animal: tem órgãos, cada órgão tem uma função; suprimir esses órgãos ou embarçar a cada um a função que lhe é propria, e o corpo necessariamente perecerá.

Assim o que garante a unidade nacional não é por certo a concentração de poderes para a formação de um poder absoluto, que absorva e avassalle todas as outras forças nacionaes. Não; o que garante a unidade nacional, ao contrario, é a cooperação livre e espontanea de cada uma dessas forças, dentro de sua esphera de acção, para o fim commum, que é o desenvolvimento da vida nacional no seu maximo de intensidade. Nessa cooperação para o fim commum, que estabelece a solidariedade dos interesses, geraes é que está a garantia da união.

Mas, em lugar desse systema, si se prefere a formação do poder absoluto, cujas tendencias são de absorpção, é claro e manifesto que em vez da harmonia apparece o anta-

gonismo dos interesses; entra a perturbação no organismo, trava-se a luta, os órgãos não funcionam regularmente, porque ha um que ataca e outro que se defende. Então surge imperioso o sentimento da separação como uma necessidade suprema, porque é uma condição de vida.

E' o que se tem dado em nosso paiz. Algumas provincias começam a inquietar-se com a situação em que se acham...

O SR. ANDRADE FIGUEIRA: — Não têm razão; o Acto Adicional satisfaz perfeitamente.

O SR. CAMPOS SALLES: — ... já começam a comprehender que o poder central é um obstaculo opposto á uma marcha de prosperidade, e é dahi que começa a surgir o sentimento de separação.

O SR. ANDRADE FIGUEIRA: — As provincias não têm meios de executar o Acto Adicional: executem-n'o e estará satisfeita a sua aspiração. E' uma carta de liberdade muito ampla.

O SR. CAMPOS SALLES: — Penso, Sr. presidente, que este é o ponto de partida para todas as outras reformas; que não se fará uma reforma politica efficaz, capaz de produzir todos os seus effeitos, enquanto não se atacar a propria fonte do mal, que é o regimen centralizador. Temos já exemplo.

A reforma eleitoral era aqui apresentada como a grande panacéa que devia curar todos os males que affligem esta nação. Já se começa entretanto a dizer que essa reforma não tem produzido todos os effeitos que della se esperava na época da propaganda.

De facto, ella não tem produzido esses effeitos e jámais os produzirá. Mas porque, qual é a causa?

A causa, Sr. presidente, não está na economia ou no regimen dessa lei; não está tão pouco no seu systema apesar della conter lacunas graves e grandes imperfeições: a causa principal está no methodo, no modo porque neste paiz se fazem as reformas. Dir-se-hia que ellas são propositalmente feitas de um modo incompleto, isoladas, sem as medidas que com ellas se relacionam, sem os seus complementos, para depois se poder dizer que essas reformas não têm produzido na applicação pratica todos os beneficios que se esperavam no periodo da propaganda. E' por esse modo que se tem em vista chegar a dizer em presença de taes resultados negativos, que o paiz não possui preparo sufficiente para receber uma reforma liberal.

E' assim, Sr. presidente, que attribue-se á incapacidade do povo aquillo que não é devido senão a incapacidade ou á deslealdade dos legisladores.

O SR. PRUDENTE DE MORAES: — Apoiado.

O SR. CAMPOS SALLES: — Um publicista, referindo-se a este systema de reformar, disse que as meias reformas, as reformas incompletas, creando uma situação hybrida, equivoca, insustentavel e até perigosa, e nada adiantando no sentido da liberdade, servem entretanto para embarçar as reformas definitivas, as reformas completas. E' este o meio pelo qual os governos despoticos conseguem embarçar as aspirações democraticas dos povos. Eis o que nos aconteceu: fizemos a reforma eleitoral deixando entretanto o governo central armado dos velhos aparelhos com que elle comprimia o voto, e quer-se que esta reforma produza todos os effeitos.

Sr. presidente, em 1873, Tavares Bastos, organisando um plano de reforma eleitoral, com o seu grande talento, com o seu extraordinario bom senso, com a sua profunda observação pratica, ponderou que uma reforma eleitoral por si só, por mais completa e previdente que fosse, não seria sufficiente para garantir a liberdade do voto. O primeiro parlamento que se seguisse a essa reforma devia votar os seus complementos, e, entre esses complementos, disse elle, impõem-se como capitães, a nova organização da justiça, restituindo a independência á magistratura, e uma descentralização administrativa, garantindo sobre bases solidas

e seguras o desenvolvimento das forças locais.

Sr. presidente, já esgotou-se uma legislação, a primogenita da eleição directa, e não se votou uma só reforma, não se votou um só dos complementos da reforma eleitoral.

O SR. ANDRADE FIGUEIRA: — Não era necessario.

O Acto Adicional é uma lei descentralisadora; executem-n'a.

O SR. CAMPOS SALLES: — Sr. presidente, quando a justiça, a policia, o functionalismo, a administração, enfim, tudo se acha concentrado nas mãos do governo central, é ou não verdade que pôde-se ainda hoje levantar com a mesma applicação, com a mesma justeza, a famosa sorites do senador Nabuco, o vigoroso raciocínio com que aquelle illustre patriota estigmatizou a influencia do poder pessoal, apoiado sobre a centralização do paiz?

Disse o senador Nabuco: O poder moderador pôde chamar a quem quizer para organizar ministerios; esta pessoa faz a eleição, porque pôde fazel-a; esta eleição faz a maioria.

Vou mostrar, Sr. presidente, como os mesmos principios podem ser applicados ainda hoje para as mesmas conclusões.

A justiça, tal como se acha actualmente constituida no nosso paiz, não é mais do que um prolongamento do executivo. O magistrado depende do governo para ser nomeado, para ser reconduzido, para ser removido. Assim, se desde a sua nomeação depende o magistrado do governo, é certo tambem que elle precisa ser agradável ao mesmo governo, para poder obter accessos, e precisa, pelo menos, não ser-lhe desagradavel para não soffrer as atrozes perseguições de que muitas vezes são victimas.

(Continúa.)

SECÇÃO LIVRE

Ao Sr. Léo

Ignoro quem seja a pessoa do Sr. Léo, que no *Jornal do Commercio* de 18 do corrente defendeu esta redacção e os principios e idéas que ella adopta contra suppostos e ferinos botes do despeito, que não passam de ligeiras picadas de alfinete, vibradas por um jornalsinho que se intitula *Lucta*, em seu numero de quinta-feira da semana transacta; mas, quem quer que seja, pela sua intuição nossa defensora e pelo seu professamento das mesmas idéas que adoptamos, é nosso dever testemunhar-lhe a nossa gratidão, que será eterna.

Permitta, porém, que o orientemos de um caso que se deu ha pouco tempo no Rio de Janeiro, o qual lhe poderá servir de bom exemplo, assim como tem servido á nós: — Houve um homem naquella praça que era assignante do jornal *O Corsario*, de cujas publicações do proprio redactor era victima dos maiores improperios, que lhe eram atirados com fins especulativos, apesar de ser elle o prototypo da virtude e da honestidade!

Um dia perguntou-lhe um seu visinho e amigo se não se incomodava com as injurias que essa folha inseria contra elle?...

« Meu amigo, respondeu-lhe, ha jornaes que elevam a quem tentam enxovalhar e enxovalham a quem julgam engrandecer. »

E proferio uma verdade.

J. A. COUTINHO.